



ENTREVISTA

Professor Doutor Edimilson de Almeida Pereira



por Fernanda Raquel Oliveira LIMA¹

O ENTREVISTADO

Edimilson de Almeida Pereira é professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduado em Letras Vernáculas pela mesma instituição, mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É doutor em Comunicação e

¹ Doutora em Linguística e Ensino de Língua pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), *Campus* São Paulo. Endereço eletrônico: <fernandaraquelima@hotmail.com>.



Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e possui pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Zurique. Pesquisador atuante na área de Antropologia, com ênfase em Cultura e Identidade, atuando principalmente nos temas: literatura brasileira, poesia; cultura afro-brasileira imagens / identidades; cultura popular, tradição, modernidade; literatura juvenil e infanto-juvenil. É poeta e ensaísta, autor de uma obra extensa e múltipla, com publicações nas áreas de poesia, literatura infanto-juvenil e ensaio

REVISTA METALINGUAGENS

Como sua aluna no curso de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora (no início dos anos 2000), não posso deixar de iniciar esta entrevista falando a respeito do Edmilson como professor. Lembro-me até hoje de como fui cada vez mais me apaixonando por literatura através do seu olhar sensível para as obras trabalhadas em sala de aula. Do seu olhar sensível para a vida (recordo-me do dia em que chegou pensativo e nos contou que uma cena o tinha marcado no caminho para a universidade. Tinha visto um homem dormindo em um carrinho de recolher papelão com uma placa onde se lia “reciclável” e se questionou em que medida o ser humano seria “reciclável”). Essa sensibilidade está marcada na minha formação profissional! Gostaria, portanto, que o senhor falasse um pouco sobre o ser professor em um curso de formação docente em uma universidade pública.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Obrigado pela gentileza de suas palavras, Fernanda. Elas nos recordam que a vivência dentro e fora do espaço educacional é imprescindível para a formação de nossa sensibilidade e consciência de educadores. A complexidade do território que habitamos nos desafia a superar as desigualdades e injustiças, ao mesmo tempo em que nos impele a desenvolver



habilidades para sustentar uma ordem de mundo que retira do humano a centralidade absoluta no contato com os demais ecossistemas em prol de uma partilha relacional de nossos espaços de convivência. A universidade pública interage com o seu entorno imediato – através de cursos propiciados à comunidade local – e com as cadeias globais – através de intercâmbios de ensino e pesquisa. Isso demonstra que a práxis relacional permeia e areja essas instituições. É fato, me refiro aqui às perspectivas gerais de uma instituição que se pretende pública, portanto, direcionada ao bem-estar de um número ampliado de cidadãos. Procuro tensionar minha convivência com os futuros docentes a partir dessa abertura para o mundo, para os diversos níveis de representação do conhecimento e, sobretudo, para a expectativa de que aprender é um ato de partilha tão intenso quanto o de ensinar. Isso implica em tecer relações que valorizam nossas expectativas pessoais (tais como obter uma boa colocação no difícil mercado de trabalho) e, de igual modo, as expectativas coletivas que dizem respeito à articulação de uma sociedade mais justa e atenta à sua própria diversidade.

REVISTA METALINGUAGENS

O professor é pesquisador da cultura e da religiosidade afro-brasileiras e da produção cultural oriunda da diáspora africana no Brasil. Dentre muitas questões que poderiam ser desenvolvidas dentro dessa ampla temática, gostaria que o senhor esboçasse uma possibilidade de análise do diálogo entre a ampla produção literária afro-brasileira e o que vem sendo considerado cânone literário brasileiro.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Abordei esse tema em alguns dos livros que publiquei, a exemplo de *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil* (2010) e *Depois, o*



Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana (co-autoria, 2010). O tema é complexo, como demonstram as análises de vários estudiosos, dentre eles, Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Soares Fonseca e do prosador e poeta Luís Silva (Cutí). A oposição entre o cânone e a Literatura Negra e/ou Afro-brasileira é a face mais evidente desse tema se considerarmos o primeiro como espelho de uma lógica social eurocentrada e a segunda como um modo de articulação estética e política dos afro-brasileiros marginalizados. Contudo, estudos recentes têm realçado o caráter relativo do cânone, uma vez que ele está sujeito às circunstâncias histórico-sociais que incidem sobre o reconhecimento dessa ou daquela criação estética. Diante disso, a articulação de vozes literárias provenientes de grupos sociais menos favorecidos tem interferido na porosidade do cânone. Isso tem gerado um tensionamento tanto na estrutura do cânone literário brasileiro quanto nos discursos da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira. Do ponto de vista teórico, isso nos leva a pensar na pluralidade dos sistemas literários afrodescendentes e ameríndios, por exemplo, que sem perderem suas próprias características redefinem os parâmetros da Literatura Brasileira. Esta, por sua vez, se enriquece menos pela fixação de limites absolutos e mais pela ampliação de suas possibilidades de representação e diálogo com a diversidade cultural do país.

REVISTA METALINGUAGENS

Como toda essa construção cultural afro-brasileira vem sendo abordada nos espaços de escolarização formais? Quais ou qual a(s) importância(s) dessa(s) abordagem(s)?

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

A promulgação da Lei 10.639, em janeiro de 2003, criou um marco legal para a implementação dos estudos da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as



escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Contudo, a prática mostrou uma série de dificuldades para se implementar na prática o conteúdo da lei. Diversos fatores, a exemplo da carência de recursos humanos e da intolerância religiosa, restringiram os avanços nessa área. Pela experiência pessoal que tive no contato com diversos estabelecimentos de ensino, percebi que o aprofundamento da abordagem desses temas decorria de projetos de grupos de docentes, bibliotecários e orientadores pedagógicos. Às vezes, mesmo havendo uma política das secretarias estaduais ou municipais relativa à aplicação da lei, o que se observava era um quadro fragmentado de ações. Apesar desses obstáculos, foi possível observar a formação de multiplicadores de ações pedagógicas marcadas pelo seu caráter inclusivo. Muitas dessas pessoas, cientes da importância do seu papel crítico, continuam atuando em cursos de atualização de docentes e em promoção de eventos voltados para os estudantes. O que se espera é que, apesar do cenário instável de nosso setor educacional, consigamos envidar esforços para a inserção desse conteúdo e daquele referente às culturas indígenas (conforme indicado na 11.645, de 10 de março de 2008) nos processos de ensino e aprendizagem das escolas do país. A relevância desse fato é imensurável, na medida em que aponta para uma linha pedagógica que entende a educação como um diálogo multicultural voltado para a promoção do respeito e do bem-estar da sociedade como um todo.

REVISTA METALINGUAGENS

Passando para o Edimilson autor de literatura. A revista *Voz da Literatura* (<vozdaliteratura.com>), no podcast dedicado a seu mais novo livro publicado pela Editora 34 (*Poesia + (Antologia 1985 – 2019)*), diz que sua obra parece seguir o verso de Drummond “convive com teus poemas, antes de escrevê-los”. O senhor poderia nos explicar de que forma essa avaliação revela, ou não, o seu fazer poesia?



EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Essa é uma maneira possível para pensarmos sobre a criação poética. Ela funciona como um método do qual emerge a forma acabada do poema. Tenho tentado articular uma teia poética na qual diferentes vozes elaboram linguagens particulares. Para cada uma dessas linguagens a convivência com o poema antes da sua escrita é uma condição vital. A contenção ou a exuberância da forma é resultado de um processo de diálogos e de escolhas que a voz poética estabelece com o mundo. Isso contribui para que o poema se constitua como uma constelação de significados ou, dizendo de outro modo, como um universo a ser desvendado pelos leitores.

REVISTA METALINGUAGENS

Aproveitando o gancho da pergunta anterior, conte-nos um pouco sobre sua mais nova publicação, o livro *Poesia +*, que reúne poemas de sua primeira obra publicada (*Dormundo* (1985) até obras mais recentes (*Veludo Azul* (2018)) e ainda textos inéditos. Comentando, se possível, a seguinte apreciação realizada por Amador Ribeiro Neto em uma resenha para Folha de S.Paulo (22/06/2020): “o livro trama com excepcional qualidade, como vimos, tema e forma”.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Conforme um comentário que incluí na edição de *Poesia +*, essa é, de fato, minha primeira antologia. Anteriormente, organizei sob diferentes formatos volumes de obra reunida até um determinado momento. *Poesia +* passeia por uma paisagem-escrita articulada ao longo de três décadas e meia. A intenção foi tecer um livro que remetesse a essa paisagem e,



ao mesmo tempo, se configurasse como um livro novo. Os textos inéditos reforçam essa proposta. No tocante à apreciação que você mencionou, devo dizer que há muito ultrapassei o dualismo que hierarquiza as relações entre o tema (ou conteúdo) e a forma. O tensionamento entre esses dois aspectos demonstra que ambos são indispensáveis para a geração de uma linguagem em permanente processo de elaboração. E, conseqüentemente, de ensaio e erro, de explicitação e transformação da experiência poética.

REVISTA METALINGUAGENS

De que maneiras o seu fazer literário, em especial, mas também o seu fazer docente e como pesquisador participam da ampliação da discussão a respeito do papel e da importância da cultura afro-brasileira.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Penso esse *fazer* como o fio de uma teia extensa tecida por outras pessoas que, antes de mim e na minha contemporaneidade, se empenham em denunciar a vigência do racismo como um dos elementos estruturantes da sociedade brasileira, bem como em demonstrar a complexidade das culturas de matrizes africanas e sua contribuição, juntamente com outras heranças socioculturais, para a constituição da sociedade brasileira. Desse modo, minhas experiências estéticas e teóricas buscam sentido através do diálogo com outras vozes, intercambiando informações e práticas na expectativa de que possamos desenvolver uma visão crítica de nosso passado e de nosso presente. Creio que essa é uma participação mínima, mas sinceramente comprometida com a utopia de vivermos, em algum momento, numa sociedade que possa ser, de fato, identificada como democrática.



REVISTA METALINGUAGENS

O senhor possui também publicações literárias destinadas ao público infantil e infanto-juvenil. Poderia comentá-las, contar-nos um pouco do seu trabalho nesse campo?

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Nas minhas anotações pessoais, desde a década de 1980, tenho registrado a intenção de articular uma constelação de escrita e pensamento. Algo próximo de um sistema tangível e poroso representado, respectivamente, por um conjunto de obras e por uma diversidade de vozes e estilos de linguagem. Em função disso, a linguagem que desenvolvo para o público infantil e infanto-juvenil segue *pari passu* com a obra ensaística, a poética e a prosa de ficção. Realizo um intercâmbio de experiências formais e temáticas entre essas modalidades. Esse diálogo aproxima, por exemplo, livros como *Negras raízes mineiras: os Arturos* (ensaio), *O homem da orelha furada* (poesia) e *Reisinhos de Congo* (narrativa de ficção infantil). Ou: *Os comedores de palavras* (narrativa de ficção infantil), *Do presépio à balança* (ensaio) e *Relva* (poesia). Sem desconsiderar o aspecto didático-pedagógico que, em maior ou menor grau, perpassa a literatura para o público infantil e infanto-juvenil, tenho procurado afinar as linhas dessa vertente para desenhar um conjunto que procura responder esteticamente à complexidade do público jovem ao qual se dirige.

Envio: Agosto de 2020

Aceite: Setembro de 2020